

PASCAL, O APOLOGISTA DA INQUIETUDE

Rubens Muríllio Trevisan
Universidade Metodista—Piracicaba

"Je ne puis approuver que ceux qui cherchent en gémissant."

Pascal, *Pensées*

As raízes de toda inquietude, de toda angústia existencial, estão mergulhadas na origem da criação do homem, tragicamente marcada pela ruptura da harmonia essencial, decorrente de um ato livre. O autor dos "Pensamentos" não teve a preocupação kierkegaardiana de estudar e explicar a angústia e o desespero humanos em todos os seus matizes, como molas propulsoras que podem lançar o homem ao abismo do infinito, do Absoluto.

A angústia é meio e como tal, apenas acidentalmente, Pascal ocupa-se dela, quando pretende tornar clara a idéia do que o homem era antes da ruptura primordial, pela sua verdadeira natureza e o que, pela lógica da fé, deverá tornar a ser. A temática fundamental do pensamento de Pascal prende-se ao princípio e ao fim da existência humana.

Pela sutileza e profundidade do espírito, o filósofo pretende ir às causas e não se perder nos efeitos. Ora, a angústia é efeito, e somente as causas podem nos revelar a natureza autêntica do homem e o sentido de sua existência. Pascal não ignora a teologia do pecado original e, como fiel, admite-a plenamente,

porém, numa posição filosófica, parte da análise das causas e das suas concatenações para chegar, de forma elucidativa, à mesma conclusão proposta pela reflexão teológica.

É inegável, pela sua evidência, que todo homem tem o anseio de uma perfeição, de um bem que o complete. O homem sente-se, por assim dizer, existencialmente irrealizado, incompleto, desconhecendo, via de regra, a causa que o possa realizar, tornando-o feliz: "A grandeza do homem é tão visível, que pode ser constatada mesmo a partir da sua miséria (...) sua natureza, sendo atualmente semelhante à dos animais, resulta da decadência de uma natureza melhor, que lhe era própria em outros tempos. Pois, quem se sente infeliz por não ser rei, senão um rei destronado? (...) Quem se sente infeliz por não ter mais do que uma boca? E quem não se sentiria infeliz por ter apenas um olho? A ninguém terá ocorrido jamais afligir-se por não ter três olhos, porém, ninguém se consola no caso de ter nenhum".¹

Através dessas analogias, Pascal demonstra como esse desejo do homem de transcender-se explica sua própria e verdadeira natureza, que coincide com o estado de sua vida anterior ao pecado original. O homem é, pois, o rei destronado em busca de sua coroa: "O homem não sabe como se posicionar. Está visivelmente desorientado e decaído em relação ao seu verdadeiro espaço, sem poder reencontrá-lo. Ele o procura em todo lugar, em trevas impenetráveis, com inquietude e sem sucesso".²

Trata-se, portanto, da questão humana fundamental, isto é, saber exatamente em que consiste o destronamento, qual o significado existencial da coroa perdida e através de que meios podemos ir à reconquista. Pascal parte do princípio agostiniano da inquietude humana: "Criastes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós".³

Tudo começou devido à presunção do homem de tornar-se centro de si mesmo e inautenticamente independente do auxílio divino, procurando, dessa forma, a felicidade. Assim, estabeleceu-se no âmago da natureza humana a desordem, o caos. As faculdades intelectual e volitiva enfraqueceram-se e desordenaram-se, restando-lhe apenas "uma luz confusa de seu Criador".

Os sentidos independentes e, muitas vezes, dominadores da razão levaram o homem à procura do prazer desordenado. Subverteu-se o projeto inicial do ser humano, que era o de ser rei do universo e, desse modo, "todas as criaturas ou o afligem ou o tentam e dominam sobre ele; ou o submetem pela sua força, ou então o encantam pela sua doçura, o que se configura como

1. B. Pascal, *Pensées*, Paris, Éditions Garnier Frères, 1951, p. 173.

2. Id., *ibid.*, p. 177.

3. Santo Agostinho, *Confissões*, tradutores J. Oliveira Santos, S.J. e Ambrósio de Pina, S.J., Porto, Livr. Apostolado da Imprensa, 1952, Livro I, cap. I, p. 31.

4 . B. Pascal, ob. cit., p. 179.

uma dominação mais terrível e mais imperiosa (...) os homens estão mergulhados na miséria de sua cegueira e de sua concupiscência, que se tornou uma sua segunda natureza”⁴.

5 . Id., ibid., p. 177.

Usando uma terminologia mais a gosto do pensamento contemporâneo, diríamos que, segundo Pascal, o problema cruciante do homem consiste na absolutização do relativo, isto é, o homem procura a satisfação do seu anseio fundamental das coisas eternas, das coisas espirituais, nas coisas transitórias e materiais: “Alguns procuram-na na autoridade, outros nas curiosidades e nas ciências e outros na voluptuosidade”⁵.

Essa é a angústia inglória do comum dos homens. Embora em maior ou menor grau de intensidade, nenhum ser humano escapa dessa ilusória busca da felicidade. Esse desejo de felicidade inscrito no coração do homem, sem exceção, em si é bom, contudo, o fim, o objeto que ele crê poder satisfazê-lo, esse é falso, é ilusório e só pode trazer-lhe maior sentimento de frustração e maior desespero, pois, um impulso que não é direcionado para o seu fim natural, somente pode acarretar a dor e a angústia.

Existe, porém, a angústia autêntica, a verdadeira inquietude que salva o homem, levando-o a Deus. Trata-se de uma angústia totalmente diversa da anterior, pois, embora também dolorosa, já proporciona um certo bem; dir-se-ia ser a antecâmara da felicidade. É a inquietude do homem que conhece o fenômeno humano da harmonia original, da ruptura desarticuladora e da necessidade existencial do retorno; é a inquietude do homem consciente do seu destino dramático e que desvenda a natureza de seu anseio incontido de felicidade, pretendendo, com todas as suas forças, dar-lhe seu fim natural (ou sobrenatural); é a inquietude do homem que caminha peregrinante no tempo e no espaço para a integração existencial de valores que transcendem os limites da transitoriedade e do perecível: “Os que buscam gemendo”, diz Pascal.

6 . Id., ibid., p. 71-72.

Essa angústia aclamada e vivenciada pelo filósofo da inquietude é fonte de paz e de alegria. Ele nos dá em seu famoso “Memorial”, exemplo vivo dessa realidade, escrevendo, com letras incandescentes de Amor, algumas palavras aparentemente desconexas e incompreensíveis, mas que revelam bem o estado de felicidade que acompanhou o êxtase místico daquela noite de novembro de 1654, em que entrou em íntimo contato com Deus: “Certeza. Certeza. Sentimento. Alegria. Paz (...) Alegria, alegria, alegria, prantos de alegria”⁶.

Pascal revela-se, assim, como o filósofo-místico mais eminente do pensamento moderno. A partir da sua vivência mística, propõe a filosofia (ou a teologia) da história, marcada pela tragédia do destronamento original e pela apoteose do reencontro final: "O presente nunca nos satisfaz, a experiência nos engana e, de infelicidade em infelicidade, conduz-nos até a morte, que é o seu coroamento eterno. Que nos gritam, pois, essa avidez e essa impotência, senão que houve, outrora, no homem, uma verdadeira felicidade, da qual só lhe restam, agora, a marca e o traço absolutamente vazios, que ele tenta inutilmente encher de tudo o que o rodeia, procurando nas coisas ausentes o socorro que não obtém das presentes, embora aquelas sejam incapazes de socorrê-lo, porque esse abismo infinito só pode ser preenchido por um objeto infinito e imutável, isto é, pelo próprio Deus? (...) Quando o homem perde o verdadeiro bem, tudo pode parecer-lhe esse bem, indiferentemente, até autodestruição, embora tão contrária a Deus, à razão e à natureza inteira"⁷.

7. Id., *ibid.*, p. 176-177.

Para o nosso paíso, o filósofo-matemático Pascal não põe a razão como instrumento mais apto para se chegar à verdade: "A razão age lentamente e com tantas perspectivas, sobre tantos princípios, os quais devem estar presentes, que a cada instante ela cochila ou se perde, deixa de ter todos os seus princípios presentes. O sentimento não age dessa forma: age num instante e está, assim, sempre pronto para agir. É preciso, pois, pôr a nossa fé no sentimento; de outra maneira, vacilará sempre"⁸.

8. Id., *ibid.*, p. 143.

Não se trata, contudo, de uma minimização do valor da razão; trata-se da avaliação da faculdade intelectual na sua justa medida: "Dois excessos: excluir a razão; admitir tão-somente a razão"⁹. É fundamental lembrar-nos que Pascal viveu em pleno alvorecer do racionalismo moderno, que acreditava tudo submeter à inteligência, a ponto de ignorar no homem a emoção e a volição; racionalismo para o qual a razão sozinha pode conhecer tudo e acaba, por fim, negando a realidade do que não conhece; racionalismo em que a inteligência está circunscrita aos limites da razão matemática.

9. Id., *ibid.*, p. 143.

Pascal admite que a inteligência, uma vez usada corretamente e a partir dos seus princípios, deve conduzir-nos à verdade e se, como afirmava com a conhecida frase: "O coração tem suas razões, que a razão desconhece"¹⁰, isso deve supor no mínimo que a inteligência compreende, como Pascal o compreendeu, com a sua inteligência e não com o seu coração.

10. Id., *ibid.*, p. 146.

O que Pascal evita, dentro do ambiente marcadamente racionalista em que vivia, é a absolutização da inteligência, a

exacerbação da dimensão racional do homem, em detrimento de outras dimensões da realidade humana, tal como aquela que ele denomina "le coeur" (o coração): "É o coração que sente Deus e não a razão. Eis o que é a fé: Deus sensível ao coração, não à razão"¹¹.

11. Id., *ibid.*, p. 147.

A perda da justa medida da realidade epistemológica gera por sua vez no homem uma inquietude inoperante, que o leva à inautenticidade existencial: "A última instância da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam; revelar-se-á fraca se não chegar a percebê-lo"¹².

12. Id., *ibid.*, p. 145.

Manifesta-se, assim, Pascal como grande contestador da mentalidade reinante entre os intelectuais do seu tempo e todo o pensamento moderno, alertando, profeticamente, "que não é pelas soberbas agitações da nossa razão" que podemos chegar à verdade. E numa visão profundamente globalizante da realidade humana, de modo insistente proclama a necessidade de entendermos existencialmente que "conhecemos a verdade não só pela razão, mas também pelo coração"¹³.

13. Id., *ibid.*, p. 147.

Filósofo, matemático e místico, Pascal, com seu espírito perspicaz, configura-se, no mundo do pensamento, como sendo o profeta dos tempos modernos, cujos critérios de avaliação das realidades terrenas e das realidades transcendentais são iluminados pela luz de Deus. Essa luz permite na análise do homem, aqui e agora, vislumbrar, de maneira global e imediata, o significado do drama, de esplendor e de trevas, que envolve a sua origem, como também a grandiosidade do seu destino: "Afinal, que é o homem dentro da natureza? Nada em relação ao infinito; tudo em relação ao nada (...) Entre esses dois abismos do infinito e do nada, tremerá à vista de tantas maravilhas e creio que, transformando sua curiosidade em admiração, preferirá contemplá-las em silêncio a investigá-las com presunção"¹⁴.

14. Id., *ibid.*, p. 88.

Endereço do autor:
Rua José Emigídio de Arruda Mendes, 71
Recanto das Águas
13525-000 — Águas de São Pedro — SP